

## **TITULO: LETRAMENTOS MÚLTIPLOS: NOVAS PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA A INCLUSÃO DIGITAL**

**EJE: 3. EXTENSIÓN, DOCENCIA e INVESTIGACIÓN**

**AUTORES: FIGUEIREDO, Lílian e MATIAS, Thiago.**

**REFERENCIA INSTITUCIONAL: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL (CAMPUS DO SERTÃO).**

**CONTACTOS: [lilian.kelly30@gmail.com](mailto:lilian.kelly30@gmail.com) e [thiagotrindadeufpb@gmail.com](mailto:thiagotrindadeufpb@gmail.com)**

### **RESUMEN**

O projeto de extensão tem como objetivo investigar os níveis de letramentos múltiplos dos professores do ensino fundamental da escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva (Delmiro Gouveia) e Escola Estadual Rotary (Santana do Ipanema). A partir das ações já desenvolvidas na Escola Estadual Rotary, participante do Projeto Um computador por Aluno (UCA), compararemos às ações da Escola Waltson Clementino, a fim de analisarmos os tipos de habilidades pedagógicas para o uso das tecnologias e refletindo sobre os impactos das TIC na formação básica dos professores e da comunidade escolar atendida. Consta, na metodologia de ensino aplicada no projeto, os referenciais de programas e projetos que se utilizam da temática abordada, identificando as características, níveis de letramento e composição de novos gêneros digitais. Contudo, ao final do projeto, o público da escola e da região sertaneja terá a oportunidade de usar os laptops educacionais do Projeto UCA de uma forma mais interativa, integrada e educacional, enquanto os professores terão a oportunidade de inserir novas metodologias em seus trabalhos pedagógicos cotidianos.

**Palavras-Chave:** Educação; Tecnologia da Informação e Comunicação; Letramento Digital; Formação de professores.



## 1 - INTRODUÇÃO

As mudanças sociais têm implicado em transformações nas mais diversas áreas, não diferente, no contexto educacional, elas têm permeado com muita rapidez, configurando um novo cenário para o processo de ensino e aprendizagem escolar. Estas mudanças decorridas da grande revolução tecnológica que se processou nas últimas décadas se desvelam na configuração de novas formas de interação favorecidas pelas potencialidades das TIC, e, sobretudo, pela Internet, caracterizam-se pela composição de uma cultura eletrônica sustentada por linguagens e gêneros digitais.

A discussão sobre a educação e as novas tecnologias estabelecem o direcionamento e a mobilização reflexiva capaz de sustentar e dinamizar o modo de ser e fazer dos processos e formas de articulação entre os conhecimentos veiculados e o processo de aprendizagem, condição prioritária para a implementação e operação das transformações na melhoria da qualidade de ensino e superação das dificuldades de aprendizagem.

Desde a década de 1980, temos presenciado uma acelerada revolução tecnológica que, ao passar dos anos, tem demandado um novo perfil de profissional para atuar no mercado de trabalho. Esta nova exigência mundial corroborou para que, na escola, a maneira como vinha sendo conduzido o processo ensino-aprendizagem fosse mais fortemente questionada. Esse questionamento dizia respeito às necessidades de desenvolvimento de competências para trabalhar com as mais diversas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), bem como acompanhar a crescente velocidade com que novos mecanismos tecnológicos são criados.

Dessa forma, é fundamental discutirmos sobre os níveis de letramento digital e o que a falta deles interfere na influência das mídias e os desafios de uma educação para a criticidade, logo Araújo (2009, p. 12) destaca que:

[...] o letramento digital vem desvelar “novos” espaços de interação, que repercutem na estruturação de “novos” espaços de escrita, e por consequência, na constituição de “novos” gêneros textuais (digitais). Mas, apesar da popularização do uso da Internet no final da década de 90, estes espaços e gêneros não são ainda familiarizados pelos internautas. Familiarizados no sentido de explorar, em vista da permissividade dos espaços, uma linguagem que ultrapasse limites tradicionais da comunicação, sem perder de vista os fundamentos da gramática.

Por isso, faz-se necessário inserir a escola em efetivas práticas de letramentos múltiplos, práticas sociais e efetivas de uso da língua, principalmente a prática de leitura e escrita. Sendo assim, abrir-se-ão as escolas de fato e de direito para a aplicabilidade de



usos linguísticos situados e significativos nos quais haja a entrada, no ambiente escolar, de gêneros das mais diversas esferas de atividade humana: escolar, científica, artística, política, jornalística, cotidiana, publicitária a fim de tornar o ensino mais situado e significativo, levando os alunos a um melhor desempenho nas práticas de leitura e escrita, seja por meio dos mais variados suportes, em específico, o suporte digital.

Assim, o processo de letramento digital está presente em toda sociedade, mas é perceptível que não acontece nas escolas. O desafio é tentar implantar o mesmo nas escolas, pelo fato de entender que isso é possível quando os professores estiverem letrados digitalmente, promovendo possibilidades de ensino multiplicadas digitalmente.

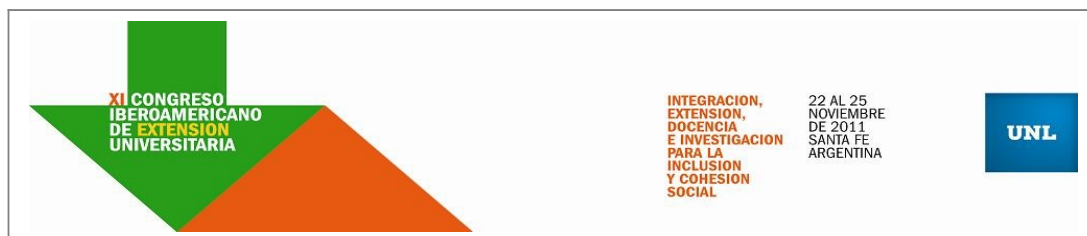
## **2 – As TIC no contexto pedagógico**

A década de 1980 foi o alicerce para se estabelecer a pauta sobre discussões no que tange a utilização das tecnologias da informação e comunicação - TIC na educação. No século XXI essa discussão tornou-se ostentosa, supondo está mais fácil a utilização, integração das diferentes mídias, mesmo porque as TIC estão ao alcance de uma grande maioria, principalmente para aqueles que as dispõem em casa, no trabalho ou na escola.

De acordo com Almeida (2005), professores e alunos devem ser considerados sujeitos ativos da aprendizagem, comunicação, interação, seleção, articulação e representação de informações. Aplicar a televisão, vídeo, computadores, Internet motivam os alunos, pois as informações são veiculadas de forma natural e dinâmica, além disso, são essenciais para o desenvolvimento do aluno, possibilitando a transformação dele em pesquisador e em sujeito autônomo.

Entretanto, isto não quer dizer, que o aluno irá construir seu conhecimento a partir dessas informações, elas criam condições para esta construção, pois o papel do aluno é o de compreender o valor de se conhecer algo diferente e o que saber fazer com essa informação adquirida, enquanto o professor deve informar as implicações morais, tornando-se orientador neste difícil processo de oferecer sentido à informação e ao conhecimento.

A partir da utilização das TIC no contexto de sala de aula é possível que o educador/professor faça dessa experiência algo significativo, elevando o ensino e aprendizagem de forma sistêmica, interdisciplinar e colaborativa. Educar é continuar num processo de ação-reflexão, buscando aprimoramento, a fim de contribuir com o processo de humanização dos alunos. Com cursos voltados ao uso das TIC, seja na modalidade a



distância e/na modalidade presencial isso é permitido, na medida em que o trabalho do professor e do aluno seja construído e transformado no cotidiano da vida social.

As TIC integram um trabalho com maior adequação ao planejamento. Os recursos contribuem de forma indispensável para o resultado final do trabalho pedagógico a ser implantado. Torna-se evidente que o financiamento e as políticas públicas em diversas escolas, nas quais foram diagnosticados trabalhos excelentes envolvendo mídias, são privilegiados.

Nas escolas pesquisadas observou-se que quanto ao uso das TIC na educação, professores e alunos não as utilizava de maneira adequada. Essa adequação se refere ao auxílio que a tecnologia estabelece, proporcionando o desenvolvimento cognitivo, estimulando na busca de informações diferenciadas e novas, permitindo a inserção social, além da familiarização com a linguagem tecnológica.

A escola Watson Clementino de Gusmão, localizada no município de Delmiro Gouveia, não participa de nenhum tipo de projeto de incluso digital, porém detêm de laboratório de informática com dez máquinas em funcionamento. Realizamos o diagnóstico fazendo primeiramente um levantamento com os professores para a ciência de quem as utilizava em sala de aula, o resultado foi o de que nenhum se preocupava com a possibilidade desse uso, enquanto a escola Rotary, localizada no município de Santana do Ipanema capacitou os professores para a utilização das TIC através da aquisição do UCA – Projeto Um computador por aluno. Abaixo a figura apresenta os alunos em observação:

Estas, por sua vez, possibilitaram o acesso à democratização do saber, ampliando novos apontamentos e aperfeiçoamentos para a formação de professores. Nesta perspectiva, o MEC, permitiu a abertura de cursos com referenciais de qualidade, oferecidos a distância, para que professores, que habitam longe da capital, não tenham que se ausentar de seu trabalho ou que têm agendas complicadas pudessem obter uma qualificação, sem a necessidade de se locomoverem para o local de estudo.

A qualificação desses professores é indispensável para o âmbito educacional em que estão inseridos, pois a cada dia, o avanço tecnológico vem sendo articulado às práticas pedagógicas, com intenções de mobilização, preparação para as transformações, vencer as resistências, integrar as diferentes mídias e a coautoria dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem.

Quando se discute sobre formação continuada dos professores, para o uso das TIC em sala de aula, devemos considerar que o professor, segundo Valente (2003), tenha acesso integral à Internet e atue em sala de aula, integrando pedagogicamente não só a



Informática, mas outras mídias, através de atividades que realizam e desenvolvam no âmbito escolar.

Como a escola deve ser espaço tempo de crítica dos saberes, valores e práticas da sociedade em que está inserida, é da sua competência, hoje, oportunizar aos jovens a vivência plena e crítica das redes digitais. Logo, é responsabilidade do professor, profissional dessa instituição, a formação dos jovens para a vivência desses novos espaços de comunicação e produção. No entanto, um professor “excluído” digitalmente não terá a mínima condição de articulação e argumentação no mundo virtual, e, por conseguinte, suas práticas não contemplarão as dinâmicas do ciberespaço (BONILA, 2010, p. 03).

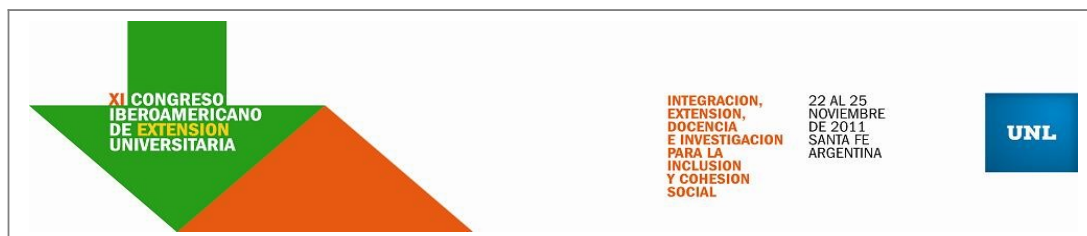
Isso significa que os professores devem estar atualizados com os avanços tecnológicos pertinentes ao contexto da sociedade. Norteamos a discussão defendendo as necessidades que a era das Relações comunicacionais, evidenciada por Moraes (1997), apresenta e as implicações sobre o avanço das TIC, assim como o uso destas é importante à prática pedagógica, na qual os processos de interação, integração e a relatividade (tempo) tornam-se importantes para a formação do sujeito.

### **3 – Letramento(s): práticas sociais de lingua(gem)**

É inquestionável que a linguagem é o resultado de atividades humanas coletivas e que seu uso está relacionado a fatores sócio-políticos e históricos. Entendemos que esse valor social que há, na linguagem, é resultado de uma trajetória evolutiva cheia de relevâncias e inconsistências. Algo nos fica bastante claro: a linguagem, como reflexo de entrecruzamentos diversos, como atividade voltada à comunicação humana, é multiforme e heterogênea, da mesma forma como os campos da atividade humana e os próprios usos da língua.

A língua realiza-se por meio de enunciados (orais ou escritos) que refletem as condições e as finalidades do grupo que os usa. Cada enunciado é concreto e individual, e possui um conteúdo temático, uma organização composicional e um estilo. Essas características estão intimamente ligadas e voltadas para o grupo social a que pertence cada enunciado, uma vez que, se a linguagem se dá de maneira multiforme, os enunciados efetivos da língua também são diversos e é desta diversidade que surgem “tipos relativamente estáveis de enunciados”, os quais Bakhtin (2003) denomina *gêneros do discurso*.

Os vários campos da atividade humana possuem seus específicos gêneros discursivos, isso representa que cada uma dessas organizações sociais tem, em si,



propósitos e finalidades comunicativas diversas. Em um estabelecimento de ensino e em um Fórum, por exemplo, não são produzidos os mesmos gêneros. Tanto a escola quanto o Fórum usufruem de específicos enunciados concretos, porém, estes enunciados se caracterizam por um conteúdo temático, um estilo, assim como por sua construção composicional próprios (BAKHTIN, 2003). Diante disso, definimos que nossas interações comunicativas diárias se dão única e exclusivamente por meio de gêneros. Desde uma simples carta, endereçada a um parente distante, a um texto como este escrito, para fins acadêmicos, estamos lidando com o uso da língua em forma de enunciados relativamente estáveis.

Como podemos perceber nos exemplos dados acima – a carta e a dissertação –, é nítido afirmar que um, aparentemente, é mais simples, outro aparenta ter um nível de complexidade maior. É a partir dessa premissa que Bakhtin (2003) faz uma classificação dos gêneros do discurso em *primários* e *secundários*. Essa divisão dos gêneros não é de caráter funcional, mas imprescindível para o estudo dos fenômenos do gênero. Para investigá-lo, é preciso, também, levar em consideração, a natureza do enunciado que deve ser descoberta, já que há uma grande e essencial diferença entre aqueles tipos de gênero.

Os gêneros secundários, em sua formação, incorporam e reelaboram os primários que se formam nas condições comunicativas imediatas. Para Bakhtin (2003), os gêneros secundários (complexos) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente escrito). Não se pode considerar, a partir deste ponto, que os gêneros primários, por serem mais correntes, sejam tipicamente falados, e os secundários sejam escritos. Em alguns casos, isso já foi motivo de muitas discussões, pois se acreditava que os gêneros secundários, por serem mais complexos e predominantemente escritos, eram melhores do que os gêneros primários, tidos como corriqueiros e como resultantes de condições comunicativas imediatas. No entanto, parece que esse problema vem se esclarecendo.

Entender a natureza do enunciado e as diversidades de formas do gênero é bastante relevante para os campos da linguística e da filologia. Entretanto, prender-se apenas à análise do material linguístico do gênero faz o estudo dos enunciados concretos mergulharem em abstrações estruturalistas irrelevantes, como também enfraquecem as relações da língua com a vida. “Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265). É certo que cada gênero possui sua materialidade, não há como negar, no entanto, o seu papel na interação social entre os sujeitos, a sua



relevância ideológica, sua funcionalidade comunicativa e, principalmente, sua natureza dão um novo direcionamento ao estudo dos gêneros discursivos.

Os gêneros discursivos são enunciados que se relacionam com uso da língua. Sua formação é influenciada por fatores extralinguísticos, mas, mesmo assim, pode-se afirmar que dos gêneros do discurso flui a individualidade do sujeito falante.

No tocante à formação e à constituição dos gêneros do discurso, Todorov (1980) afirma que a origem dos gêneros está relacionada à transformação de gêneros anteriores, ou seja, gêneros novos surgem de gêneros velhos. Sendo assim, salienta:

De onde vêm os gêneros? Pois bem, simplesmente de outros gêneros. Um novo gênero é sempre uma transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação. Nunca houve literatura sem gêneros; é um sistema em contínua transformação e a questão das origens não pode abandonar, historicamente, o terreno dos próprios gêneros: no tempo, não há nada de “anterior” aos gêneros (TODOROV, 1980).

Assim há uma convergência entre Todorov (1980) e Bakhtin (2003) ao se entender a origem dos gêneros do discurso como um fenômeno relacionado a questões sociais, pois, ao mudarem as relações em sociedade, surgem novas necessidades comunicativas, conseqüentemente, os gêneros do discurso sofrem também alterações, transformando-se até em novos “enunciados relativamente estáveis”, como muito bem afirma Bakhtin (2003).

Essa relação dos gêneros discursivos com a vida e a linguagem fica bastante evidente com o surgimento das novas tecnologias, com a era da comunicação digital. Dessa forma, surge a necessidade de os usuários se adequarem a novas demandas de produção discursiva. Isso requer dos falantes habilidades específicas no manejo e na produção de determinados gêneros. Conforme Marcuchi (2005, p. 13), isso provoque o surgimento de “um conjunto de gêneros textuais que estão emergindo no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais” [...] Já nos acostumamos a expressões como ‘e-mail’, ‘bate-papo virtual’ (chat), ‘aula-chat’, ‘listas de discussão’, ‘blog’ e outras expressões da denominada ‘e-comunicação’”.

Vale salientar que esses “novos gêneros” são eventos nos quais emerge o uso de escrita e leitura em efetivos e reais eventos comunicativos é os quais demonstram práticas de letramento, mais especificamente, letramento digital. Segundo Soares (2006, p. 47), “letramento é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. É na interação que surgem as necessidades comunicativas, estas definirão o gênero mais adequado para ser produzido. Nesse caso,



percebe-se que, atualmente, há uma grande demanda de eventos comunicativos que se voltam a abordagem mais contemporânea do uso social da leitura e da escrita.

Segundo Kleiman (1995), ainda em relação ao conceito de letramento, este surgiu nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre leitura e escrita dos estudos de alfabetização. “É interessante verificar que a palavra letramento aparece há um século atrás, no dicionário Caldas Aulete [...]. É este um belíssimo exemplo de como a língua é algo realmente vivo de como as palavras vão morrendo e nascendo [...] (SOARES, 2006, p. 33).

Conforme aquela definição de Soares (2006, p. 47), parece haver nesse conceito certa relação com o conceito de *alfabetismo*, o qual é considerado como estado ou condição do alfabetizado. No entanto vale distinguir letramento de alfabetização, pois

[...] o termo *alfabetismo* tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p. 98).

Essa abordagem ficou mais clara a partir da obra de Street (1984) que vem inaugurar os novos estudos de letramento, que no Brasil foram divulgados por Kleiman (1995). Na proposta streetiana, há uma divisão entre dois enfoques nos estudos de letramento, o *enfoque autônomo*, tratado independentemente do contexto social, e o enfoque ideológico, que “vê as práticas de letramento como indissolúvelmente ligadas às estruturas culturais e de poder da sociedade e reconhece a variedade de práticas culturais associadas à leitura e à escrita em diferentes contextos” (STREET *apud* ROJO, 2009, p. 99).

Outra distinção encontrada nos estudos de letramento é a feita por Soares (2006, p. 72) ao falar de uma versão *fraca* e de uma versão *forte* do conceito de letramento. A primeira versão estaria relacionada ao enfoque autônomo proposto por Street (1984), a qual “é (neo)liberal e estaria ligada a mecanismos de adaptação da população às necessidades e exigências sociais do uso de leitura e escrita, para funcionar em sociedade” (ROJO, 2009, p. 99).

Já a versão forte, próxima ao enfoque ideológico de Street (1984), considera o letramento como “um ‘instrumento’ neutro a ser usado nas práticas sociais quando exigido, mas é essencialmente (letramento) um conjunto de práticas socialmente construídas que





envolvem a leitura e a escrita, geradas por processos sociais mais amplos [...]” (SOARES, 2006, p. 75).

Dessa forma, as abordagens mais contemporâneas de letramentos, em especial às ligadas aos novos estudos de letramento, baseados em Street (1984), têm direcionado para a diversidade das práticas sociais de leitura, escrita e uso da língua/linguagem, deslocando, assim, o conceito de letramento para plural: letramento**S**. Conforme Street *apud* Rojo (2009, p. 102), esta nova posição:

[...] implica o reconhecimento dos **múltiplos letramentos** que variam no tempo e no espaço, mas que são também contestados nas relações de poder. Assim os NLS não pressupõem coisa alguma como garantida em relação aos letramentos e às práticas sociais com que se associam, problematizando aquilo que conta como letramento em qualquer tempo-espaço e interrogando-se sobre “quais letramentos” são dominantes e quais são marginalizados ou de resistência (ênfase adicionada).

Levando em consideração essas prerrogativas, percebe-se que é necessário haver uma revolução, agora, nos letramentos dominantes, em especial, nos letramentos escolares, por diversas razões (ROJO, 2009), pois é preciso reverter quadros tão preocupantes divulgados por pesquisas voltadas à precária situação dos usos de leitura e escrita no Brasil. São dados, por exemplo, do INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) 2009 que comprovam que apenas 25% da população brasileira, entre 15 e 64 anos, atingem o nível pleno de alfabetismo, ou seja, leem textos mais longos, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e síntese<sup>1</sup>.

Já dados do SAEB 2005 comprovam as seguintes médias de proficiência em língua portuguesa: 4ª série, média 172,3; 8ª série, média 231,9; 3º ano, média 257,6<sup>2</sup>. Quanto aos dados do ENEM 2008, por exemplo, verifica-se que no Estado de Alagoas a média na avaliação de língua portuguesa variou entre 45,78 e 44, 39. Esses dados mostram que se faz necessário essa mudança na concepção de letramento escolar, isto é, no trabalho com a leitura e escrita na escola. Por isso,

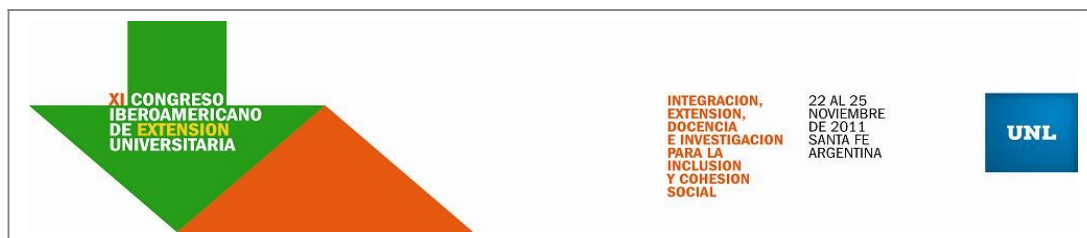
Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**. Para fazê-lo, é preciso que a educação linguística leve em conta hoje, de maneira ética e democrática: os **multiletramentos** ou **letramentos múltiplos**, os **letramentos multissemióticos**, os **letramentos críticos e protagonistas** (ROJO, 2009, p. 108).

1 Fonte INAF BRASIL 2009 -

[http://www.ipm.org.br/download/inaf\\_brasil\\_2009\\_relatorio\\_divulgacao.pdf](http://www.ipm.org.br/download/inaf_brasil_2009_relatorio_divulgacao.pdf).

2 Fonte:

[http://www.inep.gov.br/salas/download/prova\\_brasil/Resultados/Saeb\\_resultados95\\_05\\_UF.pdf](http://www.inep.gov.br/salas/download/prova_brasil/Resultados/Saeb_resultados95_05_UF.pdf).



Sendo assim, outra pergunta se faz: como desenvolver na escola essas práticas de letramentos múltiplos?

A resposta à pergunta se encontra em um dos conceitos bakhtinianos: o conceito de esfera de atividades ou de circulação de discursos e o conceito de gêneros discursivos, apresentado no início desta fundamentação teórica. “Os vários campos da atividade humana possuem seus específicos gêneros discursivos, isso representa que cada uma dessas organizações sociais tem, em si, propósitos e finalidades comunicativas diversas” (MATIAS, 2009, p. 40). Assim, como já afirmado, é preciso proporcionar a entrada na escola de gêneros das mais diversas esferas de atividade humana: escolar, científica, artística, política, jornalística, cotidiana, publicitária a fim de tornar o ensino de língua materna mais situado e significativo, levando os alunos a um melhor desempenho nas práticas de leitura e escrita. Esse desejo também se faz presente em Rojo (2009, p. 115) ao afirmar que

[...] o papel da escola na contemporaneidade seria o de colocar em diálogo – não isento de conflitos, *polifônicos* em termos bakhtinianos – os textos/enunciados/discursos das diversas culturas *locais* com as culturas *valorizadas*, cosmopolitas, patrimoniais, das quais é guardiã, não para servir à cultura global, mas para criar coligações contra-hegemônicas, para translocalizar lutas sociais. Como gosto de dizer, para transformar *patrimônios* em *fratrimônios*. Nesse sentido, a escola pode formar um cidadão flexível, democrático e protagonista, que seja multicultural em sua cultura e poliglota em sua língua.

É importante destacar que a partir dessa proposta de letramento que a escola abre as portas para um trabalho pedagógico que dê exclusividade a atividades que envolvam os gêneros, pois pretende-se que os alunos saiam, por exemplo, da educação básica, competentes e mais habilidosos linguisticamente.

Dentre essas habilidades, está o interesse em proporcionar ao corpo discente o acesso também a gêneros do suporte digital, uma vez que, conforme já expusemos de Rojo (2009, p. 108) “um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**”.

#### 4 – Considerações

As TIC têm favorecido o desenvolvimento de diversas atividades, nas mais diferentes categorias. Neste sentido, a expansão e democratização do acesso à informação tem se realizado junto a iniciativas públicas e privadas.



Com destaque para as ações federais, podemos observar que a utilização das TIC pelas universidades tem ampliado as oportunidades de formação. Logo, nossos estudos se debruçaram em averiguar o desenvolvimento de uma destas propostas.

Partindo do objetivo de verificar como os níveis de letramentos múltiplos dos professores do ensino fundamental da Escola Estadual Watson Clementino de Gusmão e Silva (Delmiro Gouveia) e Escola Estadual Rotary (Santana do Ipanema) interferem quanto à utilização das TIC no âmbito escolar, constatamos que de fato as TIC possibilitam aos alunos uma formação consistente para desenvolverem atividades autônomas.

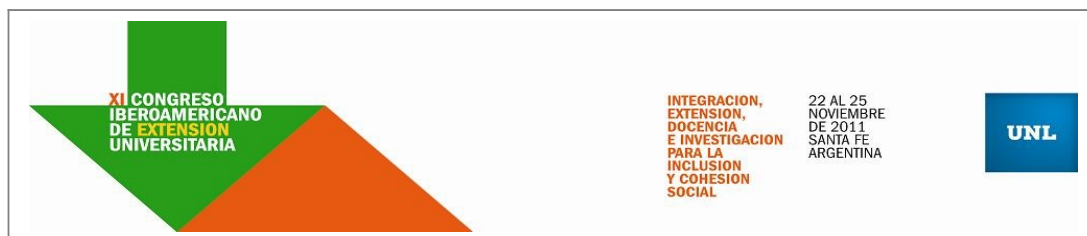
De acordo com a investigação, nossas hipóteses foram confirmadas, consolidando que os gêneros digitais proporcionam a qualidade do ensino e aprendizagem, através da realização do curso voltado a aplicação das TIC em sala de aula. Assim sendo, analisando os tipos de habilidades pedagógicas para o uso das tecnologias e refletindo sobre os impactos destas na formação básica dos professores e da comunidade escolar atendida, observamos que os professores convergem para a apresentação do cenário deste.

A aplicação do questionário favoreceu o diagnóstico da turma, em que através da autoavaliação os professores descreveram seus avanços e dificuldades, relacionadas ao uso das TIC e níveis de letramento. As análises realizadas oportunizaram a verificação de que a realização do curso foi de significativa importância para a iniciação dos alunos nas atividades mediadas pelas TIC.

Concluimos, assim, que nossa investigação vem colaborar com novos estudos acerca da temática abordada, contribuindo para que a formação dos professores seja baseada em um processo de ensino-aprendizagem dialógico.

## 5 – Referências

- ALMEIDA, Maria E. Prática e formação de professores na integração de mídias. Prática pedagógica e formação de professores com projetos: articulação entre conhecimentos, tecnologias e mídias. In: MORAN, José M.; ALMEIDA, Maria E. (orgs). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: MEC/SEED, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BONILA, Maria Helena. **Inclusão digital nas escolas**. Disponível em [www.ici.ufba.br](http://www.ici.ufba.br). Acesso em 26 de jul de 2011.
- BRASIL/SEB-INEP. **Médias de desempenho do SAEB/2005 em perspectiva comparada**. Disponível em [http://www.inep.gov.br/salas/download/prova\\_brasil/Resultados/Saeb\\_resultados95\\_05\\_UF.pdf](http://www.inep.gov.br/salas/download/prova_brasil/Resultados/Saeb_resultados95_05_UF.pdf). Acesso em 17 de maio de 2010.



\_\_\_\_\_. Exame Nacional do Ensino médio – ENEM 2008. Disponível em [http://www.inep.gov.br/salas/download/prova\\_brasil/Resultados/Saeb\\_resultados95\\_05\\_UF.pdf](http://www.inep.gov.br/salas/download/prova_brasil/Resultados/Saeb_resultados95_05_UF.pdf). Acesso em 17 de maio de 2010.

COLL, César, MONEREO, Carles. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MATIAS, Thiago Trindade. **A orientação para o outro: relações dialógicas na constituição do discurso escrito de cartas de leitor do século XIX**. 2009. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

MORAES, Maria C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos**, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VALENTE, José A.; PRADO, Maria E.; ALMEIDA, Maria E. **Educação a distância via internet**. São Paulo: Avercamp, 2003.

VALENTE, José A (org.). **Formação de educadores para o uso da informática na escola**. Campinas: Unicamp/Nied, 2003.